

A CLÍNICA DE LEMUEL GULLIVER

Tenho sido médico de bordo nos últimos anos, em viagens para as duas Índias. Vi muitas nações e reinos, aprendi línguas e costumes e, sobretudo li muitos livros, meus fiéis companheiros de jornadas. Mas, a pedido do meu coração, resolvi estabelecer-me em terra, para ficar mais próximo da minha boa esposa. Após mudar-me de Old Jewry para Fetter Lane, transferi-me para Wapping, na esperança de angariar como cliente os marinheiros, antigos companheiros de jornada. Mas, lamentavelmente, os pacientes não chegam (Jonathan Swift in As viagens de Gulliver).

O trecho citado acima, em epígrafe, é um trecho do grande clássico *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, que na minha opinião é a pena mais mordaz e irônica da Literatura. Esse clássico, na verdade, é uma grande sátira. Liliput é uma caricatura da própria Londres do início século XVIII, onde vivia esse brilhante escritor irlandês.

Nesse trecho citado, o protagonista Lemuel Gulliver, médico e marinheiro, antes de iniciar a sua viagem marítima mais famosa, a mesma que o levou à descoberta de Liliput, após o naufrágio de sua embarcação, do qual foi o único sobrevivente, ele relata que, antes de empreender essa fantástica aventura, tentou, sem sucesso clinicar em alguns bairros de Londres.

Gulliver é bastante sucinto sobre esse período malsucedido na sua clínica e por isso resolveu voltar às aventuras marítimas. Mas, na qualidade de leitor devoto, sempre fiquei curioso em saber mais sobre esse período em que ele se dedicou à medicina, no início do século XVIII em vários bairros de Londres.

Diante da lacuna deixada pelo grande escritor, resolver escrever esse pequeno *spin-off*, que passa muito longe do talento de Jonathan Swift, para minorar minha frustração e curiosidade. Se eu tivesse recursos, escreveria uma série tendo Lemuel Gulliver como protagonista, clinicando na Londres, no início do século XVIII.

Apenas uma curiosidade: a Literatura britânica, na vida real, teve dois escritores, ambos brilhantes, que antes de dedicarem a escrever ficções eram médicos fracassados: Arthur Conan Doyle, o genial criador de Sherlock Holmes e Robert Louis Stevenson, o igualmente genial autor de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll Hyde* e *Sr. Hyde (O Médico e o Monstro)*, a *Ilha do Tesouro* e outras obras. Uma curiosidade: ambos, escoceses de nascimento, se formaram em Medicina, na mesma época, na

Universidade de Edimburgo. A Medicina perdeu dois escritores medianos e a Literatura ficcional ganhou dois escritores brilhantes.

Mas chega de divagações. E vamos ao meu modesto *spin-off*.

A clínica de Lemuel Gulliver

Fracassei, talvez porque, entre a cataplasma e a superstição, os homens do cais continuem a preferir a reza em voz grossa — dita por companheiro de porão — a qualquer ciência que venha num frasco rotulado. Talvez porque o mar, o cirurgião mais antigo, opere com uma faca invisível: de um só golpe, abre o peito do homem e lhe retira a certeza. A verdade é que, com a tabuleta de “Sangrias discretas, suturas firmes” balançando ao vento de Wapping, deparei mais com tempestades de histórias do que com feridas que pediam fio e agulha.

As manhãs tinham cheiro de alcatrão e salmoura. Os estaleiros rangiam como tíbias. Em cada mesa de taverna, um mapa apócrifo se desenhava com migalhas e rum: ali ficavam, segundo o cozinheiro galego, os mares onde os peixes falam; mais adiante, segundo um moço malaio, os arquipélagos onde as bússolas preferem a mentira. E eu, que aprendera idiomas para sobreviver, descobri que a língua que rege o cais não está nos dicionários: é um latim de risco e riso, uma Babel portátil em que cada gesto é verbo e cada cicatriz, substantivo.

Foi num desses fins de tarde, quando as gaivotas redigem no céu bilhetes brancos e indecifráveis, que compreendi meu fracasso venturoso. Um velho piloto — desses que contam os anos pelos temporais — entrou em meu consultório com um silêncio doendo no ombro. Palpei-o; anotei a rigidez. Ele não se queixou. Apenas pediu água, sentou-se e, para distrair a dor, narrou-me uma ilha onde as árvores dão cordas de sisal já trançadas. A cada palavra diminuía a tensão do músculo; a cada imagem, o tendão se soltava, como se a narrativa massageasse por dentro aquilo que minha mão, de fora, não alcançava. Não lhe cobreí nada: era eu quem estava sendo curado.

Passei a colecionar essas anatomias do invisível. Na Old Jewry, outrora bairro de mercadores e intérpretes, comprei a preço vil um caderno de capa azul que tinha no dorso a palavra *ledger*. Rebatizei-o *Livro de Feridas e Fábulas*. Em Fetter Lane — rua afeita a tipógrafos e hereges — adquiri uma caneta de aço; o livreiro garantiu que a ponta resistia a mares e censuras. Em Wapping, onde o Tâmis vira cotovelo e o mundo desemboca, aprendi que os melhores prontuários se escrevem com atenção e chá quente: as pessoas, meu caro leitor, querem que curemos menos a carne do que as versões que a carne insiste em contar. E isso se faz à mesa.

Da janela, vejo o tráfego de mastros como uma floresta em marcha. À noite, as velas recolhidas transformam os navios em grandes livros fechados, e o vento vira bibliotecário. Minha mulher, prudente, pergunta se já é hora de desistir da freguesia marítima. Respondo que sim e não: desisto dos bisturis quando o paciente é a saudade. Para essa dor, não há desbridamento. Só história. Quando o zulu me fala de uma canção que amarra leões; quando o português desenha com o dedo uma caravela no tampo da mesa e, sem perceber, rema o próprio passado; quando o gujarati, tímido, deixa escapar que o pai guardava no bolso um punhado de pimenta para espantar naufrágios — nessas horas, o ofício muda de nome e a cicatriz, de destino.

Sigo fiel aos autores, aos antigos e modernos, que me ensinaram o esqueleto do mundo. Mas foi na vizinhança do cais que compreendi uma lição que não estava em Plínio, tampouco em Bacon: só o que retorna se fixa. Voltar é uma ciência. Quem permanece um pouco mais na esquina de Fetter Lane com o vento sul no rosto aprende a ler outra Londres por entre as fendas da Londres de pedra: uma que se abre quando um sujeito com mãos de cânhamo descreve a tempestade como um animal (com espinha dorsal, dentes e vontade). Foi então que percebi: eu, cirurgião, era agora aprendiz de taxidermia do ar. Preservava as formas do que passa.

Às vezes, quando o movimento escasseia e o aluguel espia pela fechadura, saio a caminhar. Sigo até Tower Hill, onde um cartógrafo desempregado vende mapas que encolhem o mundo de volta ao peito. “A verdadeira escala é a do coração”, ele me diz, dobrando a África como quem dobra um lenço. Compro um, dois, três. Coloco-os na parede do consultório, ao lado de diagramas anatômicos. O contraste é formoso: ao lado do órgão que empurra sangue, o arquipélago que empurra lembrança. Ao lado do fêmur, a rota do Índico. Ligo com linhas pontilhadas os continentes às minhas nervuras, e fico assim: um atlas ambulatório.

Certa tarde, atendi um miúdo que veio com o pai marinheiro. Trazia no joelho um corte recente, feito por descuido numa âncora de brinquedo. Enquanto eu lavava a ferida, ele me perguntou, muito sério: “Onde fica Lilliput?” Sorri. Não respondi de pronto. A mãe, da porta, repreendeu a curiosidade; o pai, envergonhado, tirou o boné. Enfaixei o menino com uma fita de pergunta. “Fica aqui”, disse por fim, tocando-lhe o peito. Ele saiu mancando menos. Tive a impressão de que entendera. Eu também.

Volto para casa com pequenos tesouros: um sotaque guardado numa caixinha de fósforos, um provérbio escrito no guardanapo, um desenho do horizonte feito por alguém que jurava ter visto o próprio dia nascer de lado. Minha mulher prepara o chá. Falamos de contas e do infortúnio da última travessia, a que me cansou do mar. Não me sinto mais fracassado. A medicina do cais me ensinou a humildade

dos remendos: o pano não volta a ser o mesmo, mas pode seguir como vela. A vida é isso: tecido retesado rumo a portos que se inventam.

De vez em quando, escrevo no *Livro de Feridas e Fábulas* uma página de pura gratidão. Aos homens que me trouxeram dorsos muito gastos e sonhos intactos; às mulheres que, do parapeito, esperam navios como quem aprende uma oração nova; aos moços que trocam moedas por encantamentos; aos velhos que trocam dores por memória. Agradeço também à cidade, que me aceitou aprender de trás para diante: primeiro a maré, depois as pedras, por fim as ruas. E a mim mesmo, por ter admitido, sem rubor, que existem tardes em que um bisturi nada pode contra o rasgo que o horizonte opera.

Se alguém me perguntar o que faço agora, direi sem mentira: ainda curo o que sangra, mas escrevo o que não quer estancar. Porque há feridas que se fecham como livros; e há histórias que, como certas cicatrizes, só se tornam belas quando aceitamos que seu desenho nos pertence. E se não fui bem-sucedido em Wapping — tal como planejei, com clientela de cotovelos rachados e mãos de sal —, obtenho, contudo, o lucro de um outro comércio: troco cuidados por confidências, e devolvo ao mundo, costurado, o pano que ele me entrega em farrapos.

Hoje, ao fechar a janela do consultório e ouvir o Tâmis falar na língua oblíqua da noite, penso que meu ofício encontrou porto. Não renego o mar, que me deu um pouco de dinheiro e muito espanto. Trouxe de lá os idiomas que agora uso ao avesso, para que me sirvam de ponte. Descobri, enfim, que há uma cirurgia mansa, sem dor e sem sangue, em que a lâmina é palavra e o campo operatório, este caderno. Com ela remendo os dias, de Wapping a Fetter Lane, de Fetter Lane à Old Jewry, como se cada bairro fosse um capítulo do mesmo livro — e coubesse a mim, velho aprendiz, ligá-los com a linha que antes guardava para as suturas.

Porque, no fim das contas, meu amigo, a cidade inteira é um corpo que pede cuidados, e cada habitante, um arquipélago de pequenos remendos. Se cuido bem das histórias, elas me pagam com a única moeda que resiste ao sal: um silêncio pacificado por dentro. E então, quando a maré sobe, já não temo o balanço: aprendi que o retorno, um gesto simples, é a mais humana das navegações.